

## O que a psicanálise tem a ver com isso? Sobre Política e Ética da Psicanálise<sup>1</sup>

Saúdo aos colegas presentes nessa primeira Jornadinha do Espaço Moebius em 2021, fechando uma estação ensolarada que contrasta com o momento sombrio que estamos vivendo, quando três mil pessoas morrem por dia no Brasil, são 300 mil pessoas mortas desde o início da pandemia e esse número já supera o número de mortes pela bomba atômica que os americanos há 76 anos jogaram em Hiroshima (140 mil pessoas) e Nagasaki (74 mil pessoas) no final Segunda Guerra Mundial. Se fôssemos fazer um minuto de silêncio pelas 300 mil pessoas que já morreram no Brasil, levaríamos seis meses em silêncio.

Estando advertidos que, na psicanálise, não se fala em Ética do “Bom e do Justo” ou “Ética Divina”, estando advertidos disso, então, pergunto: é possível à psicanálise uma atitude “neutra” diante do Real? O que temos a dizer disso? Isso que não cessa de não se escrever na análise em intensão? É o que busco ensaiar aqui no movimento moebiano da intensão/extensão em colaboração com os colegas, “o que” e “como” elaborar tudo isso que estamos vivendo.

O pavor toma conta das pessoas inclusive as que depositaram sua confiança em um Pai que não responde ao desamparo mas, não só, esse é um Pai gozador que incentiva aglomerações, não uso de máscaras, protagoniza discursos de deboche, agressividade e desprezo pela vida, liderando campanha anti-vacina.

Sabemos que a psicanálise é uma forma de tratamento individual, feita sob transferência entre sujeito e analista. Sujeito do inconsciente que fala através do corpo do analisante que precisa estar ali vivo, pulsante. O analista está ali como motor da análise, fazendo semblante como objeto causa do desejo. Sendo, pois, o desejo do analista que a análise se faça, que esteja ali

---

<sup>1</sup> Nadir Galvão é psicanalista em Salvador/Bahia em formação permanente no Espaço Moebius Psicanálise. Trabalho apresentado na Jornadinha de Verão do Espaço Moebius Psicanálise, em 20/03/2021.

preservado o espaço da escuta e da fala. Espaço da transferência (setting analítico) em que o analista se coloca como objeto para que ele (o sujeito) emerja no seu movimento desejante.

Ao psicanalista só resta ser sujeito na pólis. E nesta, é importante que seja sujeito porque, em sistemas totalitários, a psicanálise não subsiste. Isso implica a psicanálise. O fato de que, o psicanalista que é sujeito na pólis está resguardando seu lugar de objeto na sua função de analista na relação transferencial com o sujeito do inconsciente do analisante.

Trazer a fala da psicanálise quando há uma tendência a dormir “em berço esplêndido” e depois acordar (aqueles que se salvarem) só depois do pesadelo da pandemia, pode ser um movimento (a ausência dele) “natural” para alguns nessa contingência. Mas, não é essa a função mesmo do analista? Intervir e saber fazê-lo para produzir um giro no discurso. Estamos no terreno do “savoir-faire”, então estamos no terreno da Ética da Psicanálise. Agir conforme a Ética da psicanálise. Que não é a Ética do “Bom e do Justo”, disso estamos advertidos.

Lacan empreende um retorno a Freud e faz uma revolução em direção a uma psicanálise que para ele havia perdido seu sentido original mostrando de fato na linguagem a autonomia do significante inserido na ordem simbólica e nela (na linguagem) deduz a condição de existência do inconsciente que só existe no sujeito falante e está nos Escritos - em Função e Campo da Fala e da Linguagem, texto que antecede o Seminário 3 – onde Lacan afirma: “quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente.” No Seminário 3 ele diz no Capítulo IX, “o inconsciente é estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. O analista opera com a fala suspendendo as certezas do sujeito no próprio discurso, desfazendo-o, destacando seu verdadeiro valor – o significante.

Em consequência do sofrimento psíquico estreitamente ligado e agravado pelo colapso sanitário e econômico as pessoas buscam amparo para a dor de existir, na luta pela sobrevivência. Quem pede ajuda é quem sofre. E quem

sofre? E quem pede ajuda? Quem fala? O que fala? Como fala? São questões também para Lacan.

Freud já nos disse que “o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, do mundo externo e, de nossos relacionamentos com os outros homens” já dizia Freud como que desenvolvendo o que já tinha dito de outro modo desde o seu Projeto quando traz a noção de desamparo.

Sendo esses acontecimentos, por si só causadores (causa de dores), apresentam-se na angústia, no sintoma e na repetição, já que, como nos lembra Soler (2017), a “cifra do gozo” perdura e se manifesta nas formações do inconsciente.

Hilda Maria de Aquino Ferri, *A negação da pandemia e o mal-estar na civilização* fala:

“A palavra para a psicanálise, tem um valor ético (...) Diante de um outro maciço e consistente, a palavra perde o valor, e os sujeitos, um a um, responsáveis por suas escolhas, tornam-se massa. Quem está fora desse discurso é desumanizado”

A psicanálise, portanto, nos convoca a esse debate e abre campo mais amplo para compreensão da economia libidinal dos regimes fascistas e seus sistemas totalitários. Estou apontando novamente para a “cifra do gozo”. O gozo desmedido.

O Brasil tem hoje ocupando a cadeira de presidente da República um ex-capitão e parlamentar inexpressivo, inexpressivo até o momento em que, sua fala em plenário quando ainda deputado, homenageou o pior torturador da história do último regime ditatorial do Brasil no voto durante sessão parlamentar que consumou o golpe perpetrado contra democracia. As manobras escusas empenhadas pelos “saudosos da ditadura” para chegar à presidência em 2018 vem sendo evidenciadas uma a uma e finalmente foram amplamente descritas na fala do Ministro Gilmar Mendes no julgamento de suspeição do juiz que

comandou uma equipe de acusação para impedir a candidatura que impediria o retorno das Forças Armadas ao poder no Brasil.

No percurso escolhido por Freud para analisar a radicalidade do mal-estar, algumas ideias já desenvolvidas anteriormente em sua obra são fundamentais. A noção de desamparo (*hilflosigkeit*), apresentada no *Projeto* (1895), é importante para entender algumas articulações dessa produção de 1930.

É a partir dessas considerações que podemos pensar o desamparo na trama do homem na linguagem. Freud apresenta o desamparo como estrutural e os modos singulares de construção desse contorno expressam a construção singular do aparelho psíquico, cujos processos ele procurou investigar. Lacan vai trazer isso na Clínica do Real, utilizando a linguística e a matemática na sua topologia da subjetividade (Silva, 2012).

Não podemos fazer esse retorno minucioso aqui na contingência deste ensaio.

Mas, a psicanálise não está fora da pólis e da política, não é um saber estritamente teórico e técnico por si só isolado, afinal, a fundação da subjetividade não vem do Outro? Esse Outro da linguagem.

Marcelo Veras situa que o negacionismo não é um discurso, é um modo de gozo:

“O âmago do negacionismo é a divisão encarnada na identificação populista. Por um lado, busca seguir o mestre, mas no fundo mobiliza o gozo do corpo. Estamos diante de um modo de gozar que descarta a palavra do Outro. Por isso, é tão ineficaz argumentar com um negacionista quanto com um paranoico, não se trata de verdadeiro ou falso, se trata de uma captura imaginária que nega o outro para sustentar uma certeza/gozo.”

Diante do descalabro das ações, agressividade e insensatez das falas do representante do executivo, cidadãos, instituições de diferentes áreas ou saberes que circulam, inclusive instituições psicanalíticas e representantes da sociedade civil, dos outros dois poderes da república (legislativo e judiciário) e gestores públicos das unidades federadas se manifestam contra esse governo

e seu chefe que encarna o Pai da horda gozador de tudo e de todos, traço pré-totêmico, do perverso que busca o monopólio do gozo. Pai gozador que incentiva aglomerações, não uso de máscaras, protagoniza discursos de escárnio e desprezo pela vida, liderando campanha armamentista e anti-vacina.

Maria Rita Kehl em seu livro *Sobre Ética e Psicanálise* (2002), afirma:

“Com exceção de algumas produções delirantes na psicose, que mesmo assim são engendradas a partir de alguma forma de endereçamento imaginário, o sentido ou o significado de um ato, de uma experiência ou de uma vida inteira se revela na interface entre o que é mais singular, mais particular para o agente/vivente, e sua inscrição simbólica na cultura em que vive” (p.9)

Nesse sentido, outros colegas analistas também tem se manifestado de diversas formas, escrevendo artigos, livros e inclusive subscrevendo manifestos individuais e coletivos de solidariedade, consternação e repúdio ao regime que sub-repticiamente vem se instaurando no país e que na pandemia se escancarou.

Na trilha de Freud e Lacan, muitos os psicanalistas contemporâneos tecem de maneira muito clara a trama indissociável entre psicanálise e política. Eu poderia citar Christian Dunker, Antonio Quinet, Vladimir Safatle e outros. Cibele Prado Barbieri (2017) no artigo *O que a psicanálise tem a dizer sobre política?* Diz:

“algumas vezes ouvi de psicanalistas que temas como gênero, etnia, raça e arte não deveriam ser discutidos, pensados ou articulados por psicanalistas, como se a psicanálise se restringisse a um saber teórico e técnico sobre a neurose, e não houvesse nada que ela pudesse dizer a respeito de outros assuntos”

Ainda Sobre Ética e Psicanálise, Maria Rita Kehl aponta para dois sentidos ou maneiras de abordar as relações entre ética e psicanálise. Uma abordagem primeira seria uma ética referida ao ofício mesmo, uma ética contra abusos cometidos pelos analistas no exercício de uma função a partir da transferência.

E há uma outra implicação ética, e a essa que me refiro neste pequeno ensaio e que guarda estreita relação com o posicionamento político da psicanálise é a do papel da psicanálise na desconstrução dos parâmetros que sustentaram a ética pré-moderna (Kehl, 2020, p.8), a saber, a ética dogmática e mística. Que é a que, na minha opinião, retornamos no Brasil atual. A Ética “do Bem e do Mal”<sup>2</sup>, construída sob as bases de regras morais maniqueístas<sup>3</sup>. Nesse sentido, somos todos (que eticamente decidimos pelo ofício de analista) subversivos. O que me faz inferir que não há psicanalista-juiz e não há mesmo porque o terreno da Ética da Psicanálise não se confunde com regras morais de uma Ética do “Bom e do Justo”. E se não há psicanalista-juiz, muito menos psicanalista *fascista*, o que seria algo da mesma ordem de juiz *parcial* – haveria neste caso, incompatibilidade *prima facie*<sup>4</sup>.

E, como a psicanálise não está, nunca esteve isolada, se houver tempo para outro comentário eu aponto para o conceito de política, em Hannah Arendt, nos fragmentos que ela planejava publicar na obra Introdução à Política que não pode realizar em vida mas, foram compilados por Ursula Ludz no livro “O que é Política?” publicado pela Bertrand Brasil. Hannah Arendt afirma: “A política trata da convivência entre diferentes (...)”.

Penso que a maioria aqui lembra que o atual governante se elegeu se auto-denominando *apolítico*. E mais uma vez, as pessoas foram ludibriadas com o falso silogismo que “todo político é ladrão, então a política tem que ser combatida”.

---

<sup>2</sup> O maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Manes ou Maniqueu, filósofo cristão do século III, que divide o mundo simplesmente entre Bom, ou Deus, e Mau, ou o Diabo.

<sup>3</sup> RELIGIÃO: dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (séculos III d.C. e IV d.C.), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal), em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do Bem por meio de práticas ascéticas, especialmente evitando a procriação e os alimentos de origem animal.

POR EXTENSÃO: qualquer visão do mundo que o divide em poderes opostos e incompatíveis.

"admitir que os bons sejam sempre bons e os maus sempre maus é uma demonstração de m."

Definições de Oxford Languages Fonte:  
[https://www.google.com/search?q=manique%C3%ADsmo+significado&rlz=1C1JZAP\\_pt-BRBR914BR914&oq=manique%C3%ADsmo&aqs=chrome.1.69i57j0i131i433j0l8.6133j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=manique%C3%ADsmo+significado&rlz=1C1JZAP_pt-BRBR914BR914&oq=manique%C3%ADsmo&aqs=chrome.1.69i57j0i131i433j0l8.6133j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

<sup>4</sup> Locução adjetiva: que se pode constatar de imediato, sem ser necessário examinar melhor; claro, evidente, óbvio.  
JURÍDICO (TERMO): diz-se de uma prova que é suficiente para permitir a suposição ou consolidação de um fato, a menos que seja refutada.

E reparem o que esse silogismo engendra, a ideia de que política é coisa suja, que precisa ser extirpada então, para isso, que se retirem aqueles que são políticos ou que falam de política. A ideia implícita da purgação, purificação tão peculiar a preceitos religiosos baseados no maniqueísmo.

Ora, se a política trata da convivência entre diferentes, extirpar a política significa dizimar os diferentes. Essa é a mensagem que o primeiro silogismo evoca. E, as práticas e o discurso desse governante mostram isso - fazendo emergir a faceta do totalitarismo - sistema de governo cujo objetivo é acabar com as diferenças de pensamento, de ideias, de raças, de culturas e mesmo de classes (como acontece em regimes fascistas de ideologia comunista).

Espero que vocês contribuam para esse debate. Afinal, me parece ser essa uma dialética da formação do analista no movimento moebiano da intensão/extensão. Obrigada pela atenção de vocês.

#### Referências Bibliográficas:

LACAN, Jacques. *Função e Campo da Fala e da Linguagem em psicanálise. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BATISTA, Daniela. Advento do discurso analítico: o real e a contingência no tratamento. In: *O narcisismo e a política*. Organizadores: Cristiane Oliveira, Jairo Gerbase, Luane Campos. Salvador: ASSOCIAÇÃO CIENTÍFICA CAMPO PSICANALÍTICO, 2019.

BARBIERI, Cibele Prado. O que a psicanálise tem a dizer sobre política?. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 48, p. 89-97, dez. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372017000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 jul. 2020.

FERRI, Hilda Maria de Aquino *A negação da pandemia e o mal-estar na civilização*. FCL MS - FÓRUM DO CAMPO LACANIANO MATO GROSSO DO SUL. *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller, 2020.

RIBEIRO. Tatiana Teixeira de Siqueira Bilemjian. *Necropolítica e psicanálise*. FCL MS - FÓRUM DO CAMPO LACANIANO MATO GROSSO DO SUL. *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller, 2020.

LACAN, Jacques. *O Seminário livro 3 As Psicoses, 1955-1956*. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário livro 7 A Ética da Psicanálise (1959-1960)*. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MEZAN, Renato. Sociedade, cultura, psicanálise. São Paulo: Blucher/Karnac, 2017.

MEZAN, Renato Mezan. Tempo de muda. Ensaio de Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAFATLE, Vladimir. [https://www.academia.edu/35588672/Curso\\_integral\\_-\\_Lacan\\_pol%C3%ADtica\\_psican%C3%A1lise\\_ontologia\\_2017\\_email\\_work\\_card=minimal-title](https://www.academia.edu/35588672/Curso_integral_-_Lacan_pol%C3%ADtica_psican%C3%A1lise_ontologia_2017_email_work_card=minimal-title) . acesso em 14 jul. 2020.

SAFATLE, Vladimir. Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SIGMUND, Freud. Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Companhia das Letras, 2010.

SIGMUND, Freud. Totem e Tabu. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125.

SIGMUND, Freud. Psicologia das massas e análise do eu. Obras completas v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 13-113.

SIGMUND, Freud. O Futuro de uma ilusão. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 13-64.

SIGMUND, Freud. O mal-estar na civilização. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 67-151.

SIGMUND, Freud. Moisés e o monoteísmo. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.15-148.

ARENDDT, Hannah. O que é política? Fragmentos das Obras Póstumas compiladas por Ursula Ludz. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SIGMUND, Freud. Inibição, sintoma e angústia. Obras completas v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 13-126.

SILVA. Magali Milene. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura.  
<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/233/370>